

– Dizei-me porque deverei trazer três fios de cabelo da Rainha das Fadas – perguntou o jovem príncipe à velha. – Porque não qualquer outra quantidade, porque não dois ou quatro?

A velha inclinou-se para a frente, sem interromper a fiação.

– Não há outro número possível, meu filho. Três é o número do tempo, não falamos nós de passado, presente e futuro? Três é o número da família, não falamos nós de mãe, pai e filho? Três é o número das fadas, pois não as procuramos nós no carvalho, no freixo e no espinheiro?

O jovem príncipe anuiu, pois a sábia velha estava certa.

– Por conseguinte, também eu preciso de três fios, para tecer a minha trança mágica.

– RETIRADO DE “A TRANÇA DAS FADAS”, DE ELIZA MAKEPEACE

A decorative rectangular border with a double-line inner frame. The space between the lines is filled with a black and white line-art illustration of a rose vine. The vine winds around the rectangle, featuring several roses in various stages of bloom, leaves, and elegant scrollwork flourishes.

PARTE UM

1

Londres, 1913

Estava escuro no sítio onde se encontrava acocorada, mas a menina fez como lhe tinham dito. A senhora dissera que aguardasse, que ainda não era seguro, que tinham de ficar tão caladinhas como ratos na despenha. Era um jogo, a menina sabia, como quando brincava às escondidas.

Por detrás das pipas de madeira, a menina escutava. Criou uma imagem na sua cabeça, tal como o pai lhe ensinara. Homens, perto e longe, marinheiros, assim julgava, gritavam uns para os outros. Vozes roucas e ruidosas, peçadas de mar e de sal. À distância, soavam buzinas de navios, flautas, remos que chapinhavam; muito acima, gaivotas cinzentas grasnavam, com as asas estendidas para absorverem a luz do sol no seu auge.

A senhora regressaria, assim dissera, mas a menina esperava que não demorasse. Já estava há muito tempo a aguardar, tanto tempo que o sol já percorrera o céu, aquecendo-lhe agora os joelhos através do vestido novo. Tentou ouvir a saia da senhora, a roçar no convés de madeira. O som dos saltos, num passo apressado, sempre apressado, como a mãe da menina nunca andava. Perguntou-se, no modo vago e despreocupado das crianças que são amadas, onde estaria a mãe. Quando chegaria. E pensou na senhora. Sabia quem era, ouvira a avó a falar dela. A senhora chamava-se Autora e vivia na pequena cabana no extremo mais distante da propriedade, para lá do labirinto. A menina não devia saber. Tinham-na proibido de brincar no labirinto de arbustos. A mãe e a avó tinham-lhe dito que era perigoso aproximar-se da

falésia. Ainda assim, quando ninguém a observava, por vezes a menina gostava de fazer o que lhe estava interdito.

Grãos de poeira, centenas deles, bailavam no raio de sol que surgira entre duas pipas. A menina sorriu e a senhora, a falésia, o labirinto, a mamã abandonaram os seus pensamentos. Estendeu um dedo, tentando apanhar um grão. Riu-se perante o modo como chegavam tão perto do dedo antes de se escapulirem.

Os ruídos para lá do seu esconderijo estavam a mudar. A menina ouvia o bulício do movimento, vozes entrelaçadas de excitação. Inclinou-se para o véu de luz e encostou o rosto à madeira fria das pipas. Olhou para o convés só com um olho.

Pernas e sapatos e bainhas de saíotes. As pontas de serpentinas coloridas esvoaçando de um lado para o outro. Gaivotas matreiras em busca de migalhas no convés.

Um solavanco e o enorme navio gemeu, um gemido demorado e grave vindo das entranhas. Pelas tábuas do convés chegaram vibrações às pontas dos dedos da menina. Um compasso de espera e percebeu que estava a sustar a respiração, com as mãos abertas no chão ao lado do corpo, e o navio levantou âncora, afastando-se da doca. A buzina bramiu e ouviu-se uma onda de entusiasmo, gritos de “Boa viagem”. Estavam a caminho. Para a América, um lugar chamado Nova Iorque onde o papá nascera. Tinha-os ouvido a segredar durante algum tempo, a mamã a dizer ao papá que tinham de partir quanto antes, que já não podiam esperar mais tempo.

A menina riu-se uma vez mais; o navio deslizava pelas águas como uma baleia gigante, como Moby Dick na história que o pai tantas vezes lhe lia. A mamã não gostava quando ele lhe lia tais histórias. Dizia que eram muito assustadoras e que lhe colocariam ideias na cabeça que já não conseguiriam arredar. O papá dava sempre um beijo na testa da mãe quando dizia essas coisas, dizia-lhe que tinha razão e que seria mais cuidadoso no futuro. Porém, continuava a contar à menina as histórias da enorme baleia. E outras – aquelas que a menina preferia, do livro de contos de fadas, que falavam de velhas sem olhos e donzelas órfãs e longas viagens pelos mares. O pai só tinha de se certificar de que a mamã não descobria, de que o segredo ficava entre ambos.

A menina compreendia que tinham de guardar segredos da mamã.

A mamã não andava bem, já andava adoentada antes do nascimento da menina. A avó estava sempre a pedir-lhe que se portasse bem, relembrando-a de que, se a mamã ficasse perturbada, algo terrível poderia acontecer e seria culpa dela. A menina amava a mãe e não queria entristecê-la, não queria que lhe acontecesse algo terrível, por isso mantinha segredo. Como as histórias de fadas e brincar junto ao labirinto e as vezes que o papá a levava a visitar a Autora na cabana do lado mais afastado da propriedade.

– A-ha! – Uma voz junto ao ouvido. – Encontrei-te!

A pipa foi erguida e afastada para o lado e a menina semicerrrou os olhos devido à luz do sol. Piscou os olhos até que o dono da voz se interpôs à luz do sol. Era um rapaz grande, de oito ou nove anos, pareceu-lhe.

– Não és a Sally – disse ele.

A menina abanou a cabeça.

– Quem és tu?

Não devia dizer o nome a ninguém. Era um jogo a que ela e a senhora estavam a brincar.

– E então?

– É segredo.

O rapaz franziu o nariz e as sardas juntaram-se.

– Para que serve?

A menina encolheu os ombros. Não devia falar da senhora, o papá estava sempre a lembrá-la.

– Mas então onde está a Sally? – O rapaz estava a ficar impaciente. Olhou para a esquerda e para a direita. – Correu para aqui, tenho a certeza.

Ouviu-se uma gargalhada excitada mais abaixo no convés e a precipitação de pés em fuga. O rosto do rapaz animou-se.

– Depressa! – disse, ao mesmo tempo que desatava a correr. – Está a escapar-se.

A menina inclinou a cabeça sobre a pipa e ficou a vê-lo ziguezaguear entre a multidão, numa perseguição entusiasmada que gerou um alvoroço de saiotes brancos.

Os dedos dos pés da menina estavam em pulgas para se juntarem a eles.

Contudo, a senhora dissera que esperasse.

O rapaz afastava-se cada vez mais. Esquivou-se a um homem corpulento de bigode com brilhantina, levando-o a franzir o sobrolho e a que as suas feições corresse a juntar-se ao centro do rosto como uma família de caranguejos assustados.

A menina riu-se.

Quiçá fizesse tudo parte do mesmo jogo. A senhora era mais parecida com uma criança do que com os outros adultos que a menina conhecia. Talvez também estivesse envolvida na brincadeira.

A menina esgueirou-se discretamente do esconderijo por detrás da pipa e levantou-se devagar. O pé esquerdo ficara dormente e tinha agora um formigueiro. Aguardou um instante para que a sensação passasse, viu o rapaz a dobrar uma esquina e desaparecer.

Sem pensar duas vezes, a menina partiu atrás dele. Com os pés a ressoarem no convés e o coração a cantar no peito.